

MACHADO DE ASSIS: A CONSCIÊNCIA DO TEMPO

Dirce Côrtes Riedel

DESCONTINUIDADE DA NARRATIVA

O tempo da vida torna-se tempo humano na medida em que é experimentado na narrativa e se faz literatura. Confira-se a fala do jagunço aposentado Riobaldo, de Guimarães Rosa: “Narrar é que é viver mesmo”, que nos conduz a Goethe, para quem a vida como tal não forma um todo: a natureza pode produzir seres vivos, mas eles são indiferentes; a arte pode só produzir seres mortos, mas eles são insignificantes.

Se considerarmos o tempo da narrativa em Machado, custa crer que a fragmentação da seqüência, a estrutura episódica, a atitude antidiscursiva tenham sido atribuídas por intelectuais da época—incluindo Silvio Romero e Raul Pompéia—à gagueira e à epilepsia do autor. Numa visão irônica, o próprio Machado compara o seu estilo anti-oratório ao andar dos ébrios que “guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”

Um das determinantes da descontinuidade do texto machadiano é a enunciação do narrador, que vai sendo enunciada e se faz enunciado, passando de ato a fato comentado pela própria enunciação, no que se afasta do realismo e do naturalismo da época. Esse “descompasso entre a realidade e o texto”—transformação da “linguagem da realidade em realidade da linguagem”—insere Machado na tradição de Luciano, Varão, Sêneca, Erasmo, Sterne, inserindo-o também na modernidade deste nosso século XX. Considere-se a convergência de Thomas Mann, Proust, Sartre, Huxley e Machado

de Assis. Reafirme-se a aproximação de Sterne, confessada por Machado, nas digressões, em que o corte transversal no tempo da narrativa determina a seleção em profundidade do material a narrar. E assinala-se a filiação da ficção machadiana ao seu jornalismo que, nas crônicas e folhetins, já aponta para a modernidade, com a “ruptura da ordem filosófico-artístico-social”.

A RECONSTITUIÇÃO DO TEMPO PELA MEMÓRIA

As relações entre o narrador machadiano e o seu passado não são, como as de Proust, na maior parte estabelecidas pela memória afetiva das sensações. Frequentemente é a memória voluntária, a da inteligência, que guia um narrador, bem certo da sua busca, embora nem sempre do seu achado.

Nessa revisão das sensações, o narrador exercita o seu gosto pela análise:

Sempre me sucedeu apreciar a maneira por que os caracteres se exprimem e se compõem, e muitas vezes não me desgosta o arranjo dos próprios fatos. Gosto de ver e antever, e também de concluir. (*Memorial de Aires*).

Esse concluir supõe em Machado a correção do trágico pelo grotesco, comum na tradição dos seguidores da sátira menipeia. É atitude de narrador que confessa escrever, “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”, “uma obra de filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem constrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado”. Brás Cubas é um defunto autor que, prestes a deixar o mundo, sente “um prazer satânico em mofar dele”.

As reflexões ditadas pela consciência que do tempo têm os personagens machadianos são paradoxais: vão da descontinuidade, do fluir, da irreversibilidade, da corrosão ante a qual o homem é impotente, do aspecto cíclico até a desigualdade entre o tempo exterior e o tempo humano.

Brás Cubas faz a distinção entre *cronologia romanesca* e *cronologia histórica* quando deixa de se referir a fatos de sua vida que poderiam parecer importantes para o leitor: “Teria de escrever um diário de viagem e não umas memórias, como estas são, nas quais só entra a substância da vida”. (p.95). Se não desenvolve essa reflexão sobre a cronologia, é que o narrador machadiano é avesso a teorias e métodos, de cuja tranqüilidade, foge, aceitando-a só na agonia, para “morrer tranqüilamente, metodicamente...”

A extensão e a tensão de cada cena da narrativa é determinada pela quantidade e intensidade das sensações e emoções evocadas. Porque a lembrança do enterro do pai é convencional, protocolar, a narrativa de Brás Cubas chega à linguagem telegráfica, simples notação para um capítulo que não vale a pena escrever, pois o tempo emocional não o registrou:

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão; eça, tocheiros...

E prossegue o registro que assim termina:

Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

O defunto autor pede desculpas à Virgília pela diferença de linguagem que exprime dois momentos diferentes do tempo interior e que justificava a sua volubilidade de narrar:

Tu que me lês, se ainda fores viva quando estas páginas vierem à luz, tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que empreguei quanto te vi? Crê que era tão sincera então como agora (...) Mas, dirás tu, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos? (...) Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não, é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

Cruzam-se planos temporais como no *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, em que os “liames que a consciência tece” determina vários planos: o tempo da fala do diabo, propondo o pacto e preparando a antecipação do Inferno para o compositor Adrian; o tempo do relato dessa fala por Adrian; o tempo da transposição desse relato pelo narrador, transportando-o do papel de Adrian para o seu manuscrito, letra por letra—capítulo que o narrador diz que só teve que copiar... mas se trata de uma transcrição interpretativa, acompanhada de reflexões—uma ocupação tão “intensa e absorvente” como a

formulação de idéias pessoais. Esse é o tempo da escrita do romance, o tempo no qual avança o narrador em relação ao outro tempo, no qual decorrem os fatos narrados. É um entrelaçamento de épocas destinadas a se unirem com o período em que o leitor um dia talvez se apresente para tomar conhecimento do que o narrador comunica.

A partir de Santo Agostinho, observa-se que o tempo não tem ser, porque o futuro não é ainda, o passado não é mais e o presente não é sempre, isto é, não dura. Justifica-se assim a indagação do jagunço Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*: “quando é que a velhice começa, surgindo de dentro da mocidade?” Esse significado que se põe na vida é a cruel indagação de D. Casmurro: saber “se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos”, esclarecendo ao leitor: “se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como o fruto dentro da casca”.

Se para Santo Agostinho o tempo não é medido pelos movimentos dos corpos celestes, só podemos medir o tempo que passa, pois o passado e o futuro não são, e o presente está sempre em trânsito. Trata-se portanto de uma sensação espacial e por isso Agostinho volta-se para si mesmo: “É em ti, meus espírito, que eu meço os tempos”. “A impressão que as coisas, passando, fazem de ti, permanece depois da sua passagem, e é ela (a impressão) que eu meço quando está presente, e não essas coisas que passam a produzi-la”.

Em *D. Casmurro*, a administração interina do pai de Capitu—O Pádua—foi o centro do seu calendário subjetivo. O narrador, comentando esse “fenômeno interessante”, descronologiza o enredo, organizando uma temporalidade espacial particular:

Com o tempo veio um fenômeno interessante. Pádua começou a falar da administração interina, não somente sem as saudades dos honorários, nem o vexame da perda, mas até com desvanecimento e orgulho. A administração ficou sendo a hégira donde ele contava para diante e para trás.

Mas como Machado é um romancista do perecível, os seus personagens, pessimistas e violadores de sistemas e doutrinas autoritários, reforçam o aspecto externo destruidor do tempo que “caleja a sensibilidade e oblitera a memória das coisas”. O tempo é o rato “roedor das coisas, que as diminui ou altera no sentido de lhes dar outro aspecto”. (*Esau e Jacó*). “Matamos o tempo; o tempo nos enterra”. (*Memórias póstumas de Brás Cubas*). “Um velho túmulo dá melhor impressão do ofício, se tem as negruras do tempo, que tudo consome” (*Memorial de Aires*). O tempo é o “ministro da morte”. Nessa visão destruidora se fundem traços de Pascal, de Shopenhauer,

de Heráclito, de Luciano de Samosata, em cujos epigramas se lê: “Tudo é mortal para os mortais: tudo passa junto a nós; se não somos nós que passamos ao lado das coisas”.

O que caracteriza a experiência dos personagens de Machado de Assis é a fragmentação da sua identidade que não encontra um eu unificador na experiência moderna da vida urbana, explica Kátia Muricy. Nessa retomada da problemática romântica da unidade perdida, o personagem machadiano sai perdendo, mas a narrativa é resgatada pelo tom irônico-pejorativo ou lírico-irônico, em que a mutabilidade do tempo exterior pode sugerir a do tempo interior, como no capítulo CXV de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Virgília parte para a Europa com o marido e seu amante não derrama lágrimas nem se desespera. E mais, almoça regidamente. “Ai dor! era preciso enterrar magnificamente os seus amores. Eles lá iam mar em fora, no espaço e no tempo, e eu ficava-me ali numa ponta de mesa, com os meus quarenta e tantos anos, tão vadios e tão vazios; ficava-me para os não ver nunca mais, porque ela poderia tornar e tornou, mas o eflúvio da manhã quem é que o pediu ao crepúsculo da tarde?”. Um tempo poderosamente irreversível diante do qual o homem é impotente.

Na visão reflexiva e conciliadora do Conselheiro Aires, o tempo é um dragão, “juntamente vivo e defunto, e tanto valia matá-lo como nutri-lo”. Um tempo ao qual Deus dá “Habeas- Corpus” (p.76) para tornar as coisas tão frágeis que “entre luz e fusco tudo há de ser breve como esse instante” (*Memórias póstumas de Brás Cubas*).

A irreversibilidade do tempo à maneira do Eclesiastes, é um dos tons amargos do desalento machadiano. Amargura que Machado tempera com o grotesco dos cinqüenta anos de Brás Cubas que se sente remoçar quando dança uma valsa embriagando-se “das luzes, das flores, dos cristais, dos olhos bonitos e do borbórinho surdo e ligeiro das conversas particulares”. Mas, meia hora depois, ao retirar-se do baile, que é que vai achar no fundo do carro?—Os seus cinqüenta anos. E pareceu-lhe “ouvir de um morcego encarapitado no tejadilho:—Sr. Brás Cubas, a rejuvenescência estava na sala, nos cristais, nas luzes, nas sedas—enfim, nos outros” (*Memórias póstumas de Brás Cubas*).

Ao observar, no romance *Iaiá Garcia*, que “o tempo esse químico invisível, dissolve, compõe, extrai e transforma todas as substâncias morais”, Machado retoma Pascal, para quem cada instante é singular e único: “(...) não há homem mais diferente de um outro do que de si mesmo nos diversos tempos” (*Pensus*). Retoma Pascal para quem não nos reencontramos, não nos reconhecemos: “No instante em que o homem atinge o instante, o instante passa, porque ele é o instante”.

As reflexões sobre a eternidade são do Conselheiro Aires, um espectador complacente, já mais enternecido ante a miséria humana. E mesmo assim são reflexões irônicas e tragicômicas. Quando Aires sabe que Fidélia tivera, num sonho, a aparição do pai e do sogro, inimigos em vida, agora de mãos dadas, observa: que “a reconciliação eterna, entre dois adversários eleitorais, devia ser exatamente um castigo infinito. Não conheço igual na *Divina Comédia*. Deus, quando quer ser Dante, é maior que Dante”.

O poder da arte é capaz de realizar o tempo medido pela distância interior humana: “(...) o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo, também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro” (*Esau e Jacó*). E “o que nos faz senhores da terra é esse poder de restaurar o passado para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos” (*Memórias póstumas de Brás Cubas*).

TEMPO HISTÓRICO

Quanto ao tempo histórico, John Gledson esclarece ser compreensível que os críticos tenham subestimado a importância da transformação histórica na obra de Machado, pois ele próprio mostra como pode ela ser ignorada, com efeito apenas marginal na sanidade, bem explorada com objetivos cegamente egoístas. Confirma-se o passado irrecuperável de Brás Cubas, de D. Casmurro, do Conselheiro Aires, historiadores nada confiáveis ou bastante confiáveis. Neles a memória pública passa pela versão da memória particular: de um cético Brás Cubas, cuja vida soma negativas a negativas; de um Casmurro desalentado, parcial e obsessivo; de um Conselheiro “ator aposentado”, que tem a paixão de reviver o passado, simulando possuir olhos que perderam a natural agudeza, mas tendo paradoxalmente hábitos que o levam a conter-se, preocupado com a meticulosa notação do tempo cronológico e o gosto da reflexão e da análise. E ainda de Rubião, herdeiro do Humanitismo de Quincas Borba, que inverte a lógica das categorias bem/mal, virtude/vício (“Ao vencedor, as batatas!”), entroncando em Rabelais, Cervantes, Swift, Voltaire, linha da sátira menipéica, e dissolvendo a tradicional integridade história para reconstruí-la no ritmo do delírio da loucura.

Os textos machadianos, pensando a história ficcionalmente, justificam o humorismo do seu autor: “Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo”, a “loureira”, “com caprichos de dama elegante”. É que, com Machado de Assis, temos um tempo histórico revisionado pelas contorsões do tragicômico, pelo impulso da imaginação. Confirma-se a *Crônica* de 15-09-1876, a propósito da retifica-

ção da história da independência brasileira: “A lenda é melhor do que a história autêntica. A lenda resumia todo o fato da independência nacional, ao passo que a versão exata o reduz a uma coisa vaga e anônima(...). Eu prefiro o grito do Ipiranga; é mais sumário, mais bonito e mais genérico”.

O passado, dimensão fundamental do tempo, pode aparecer de diversas maneiras, dependendo das significações que o presente lhe empresta a partir de interpretações múltiplas e diversificadas. E é através da imaginação literária que o ficcionista Machado de Assis pensa a transitoriedade do tempo.